

nara roesler

# sp-arte 2022

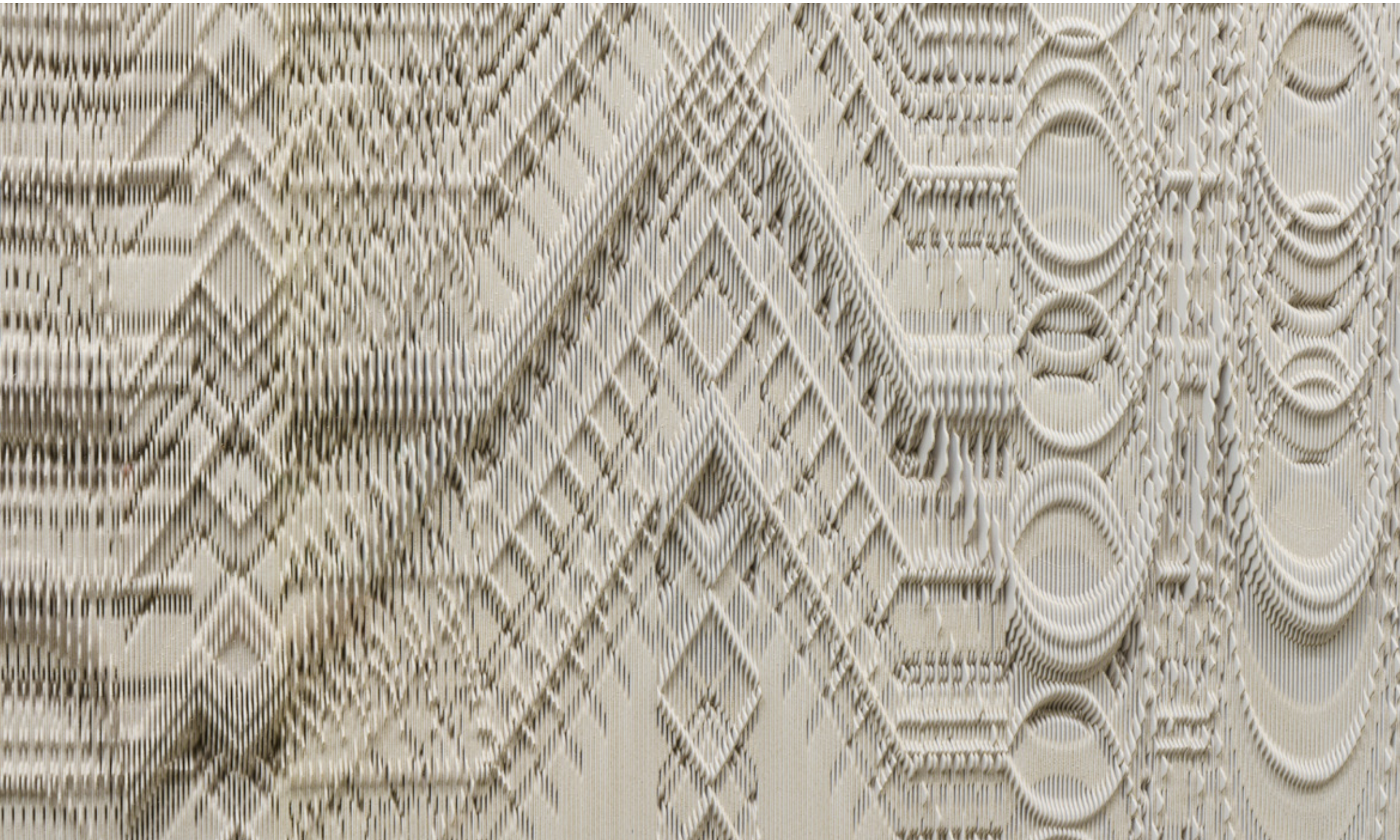
6-10 de abril, 2022  
estande e1

pavilhão da bienal  
parque ibirapuera, são paulo

Abraham Palatnik	JR
Alberto Baraya	Julio Le Parc
Alexandre Arrechea	Karin Lambrecht
Alice Miceli	Laura Vinci
Amelia Toledo	Lucia Koch
André Griffo	Manoela Medeiros
Angelo Venosa	Marcelo Silveira
Antonio Dias	Marco A. Castillo
Artur Lescher	Marco Maggi
Berna Reale	Marcos Chaves
Brígida Baltar	Maria Klabin
Bruno Dunley	Milton Machado
Cao Guimarães	Not Vital
Carlito Carvalhosa	O Grivo
Cássio Vasconcellos	Paul Ramirez Jonas
Cristina Canale	Paulo Bruscky
Dan Graham	Philippe Decrauzat
Daniel Buren	Raul Mourão
Daniel Senise	Rodolpho Parigi
Elian Almeida	Sérgio Sister
Fabio Miguez	Tomie Ohtake
Heinz Mack	Vik Muniz
Isaac Julien	Virginia de Medeiros
José Patrício	Xavier Veilhan
Jonathas de Andrade	



**abraham palatnik**



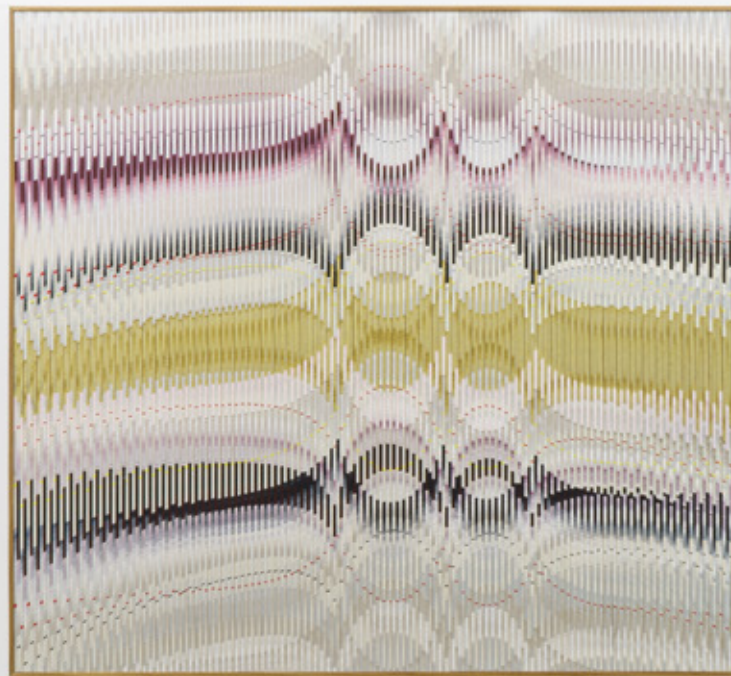




---

Abraham Palatnik  
*Cartão*, 2014  
cartão duplex e madeira  
65 x 60 cm





---

Abraham Palatnik  
W-QA/3, 2020  
tinta acrílica e esmalte sobre madeira  
115 x 115 cm



---

## abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir da criação de seu primeiro *Aparelho Cinemático* (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares. Embora a série *W* tenha incorporado o corte a laser feito por uma empresa especializada, Palatnik continuou construindo e pintando artesanalmente cada peça até o fim de sua vida, a fim de compor os quadros finais.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
- *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

## exposições coletivas selecionadas

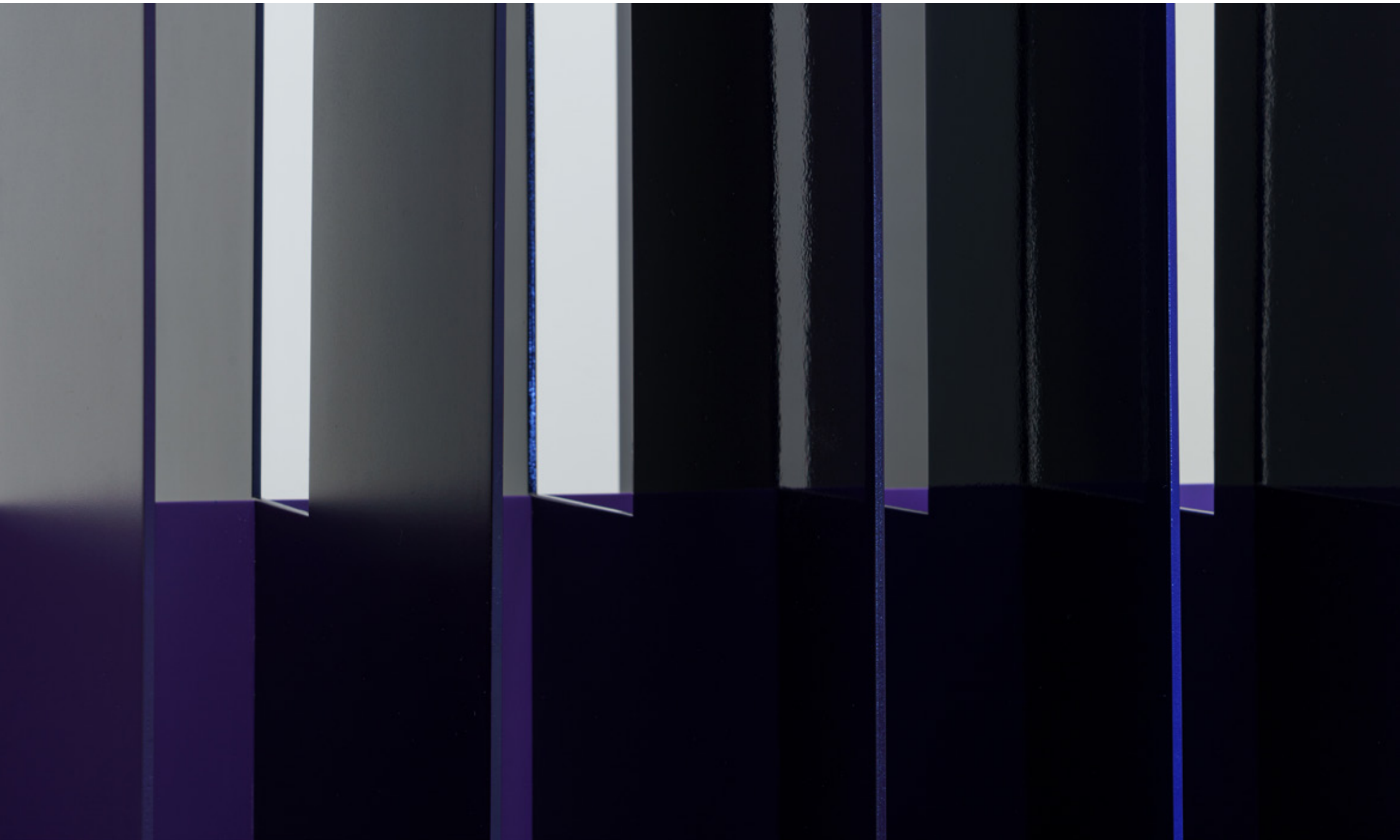
- *Sur moderno: Journeys of Abstraction — The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s - 1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950 - 1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018);
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art 1954-1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

## coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
- William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha



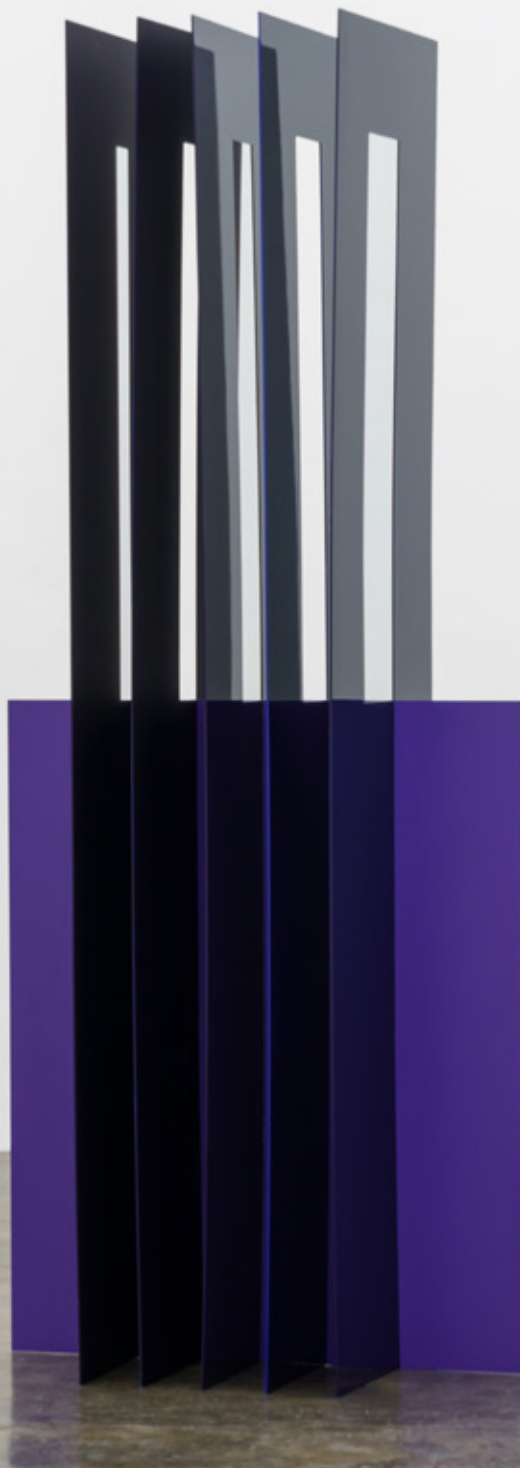
**amelia toledo**





---

Amelia Toledo  
*Fole de Roxo*, 1993/2021  
chapas de aço inox pintadas  
com pintura automotiva  
edição de 5 + 2PA  
240 x 100 x 80 cm



---

## **amelia toledo**

n. 1926, São Paulo, Brasil

m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2004)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2015)
- *30x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasiliana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

## **coleções selecionadas**

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil



angelo venosa







---

Angelo Venosa  
*Sem título*, 2021  
metacrílico, alumínio  
e impressão UV  
edição de 3 + 2PA  
120 x 300 x 16 cm



---

## angelo venosa

n. 1954, São Paulo, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Angelo Venosa, juntamente com Daniel Senise (1955– ), Luiz Pizarro (1958– ) e João Magalhães (1945– ), formou o Ateliê da Lapa, entre 1984 e 1990. Foi então que ele produziu suas primeiras obras tridimensionais, após um período, quando foi aluno da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em que se dedicou a desenvolver a técnica da pintura. Essa mudança no início de sua trajetória fez com que Venosa fosse reconhecido como uma das poucas exceções da chamada “Geração 80” que se dedica exclusivamente à escultura, ao invés da pintura. Enquanto parte de um grupo de artistas que se rebelou contra a tradição do formalismo no Brasil, Venosa baseia sua prática na mistura de materiais, gêneros e movimentos históricos, o que resulta em figuras e formas que remetem a estruturas anatômicas, como vértebras e ossos de seres reais e imaginários.

Em seu trabalho, a relação entre forma e matéria é fundamental. As características dos variados materiais empregados (mármore, cera, metal, vidro, acrílico e dentes de animais, entre outros) são determinantes para a construção e percepção do resultado. Os entrelaçamentos entre linhas e volumes sugerem o encontro entre a escultura e o desenho, técnica que também faz parte da prática de Venosa. Impregnadas de estranheza, suas estruturas fundam uma temporalidade ambígua, carregam referências a eras ancestrais e ao futuro distópico. Essa sensação se amplia na tensão entre as formas e materiais orgânicos e inorgânicos apresentados.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Catilina*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Penumbra*, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)
- *Marimbondo*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Angelo Venosa: Panorama*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil; Palácio das Artes (2014), Belo Horizonte, Brasil (2014); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013); Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

## exposições coletivas selecionadas

- *Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio*, Museu de Arte de Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)
- *MAM 60*, Oca, São Paulo, Brasil (2008)
- 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)

## coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros (CPPC), Caracas, Venezuela
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

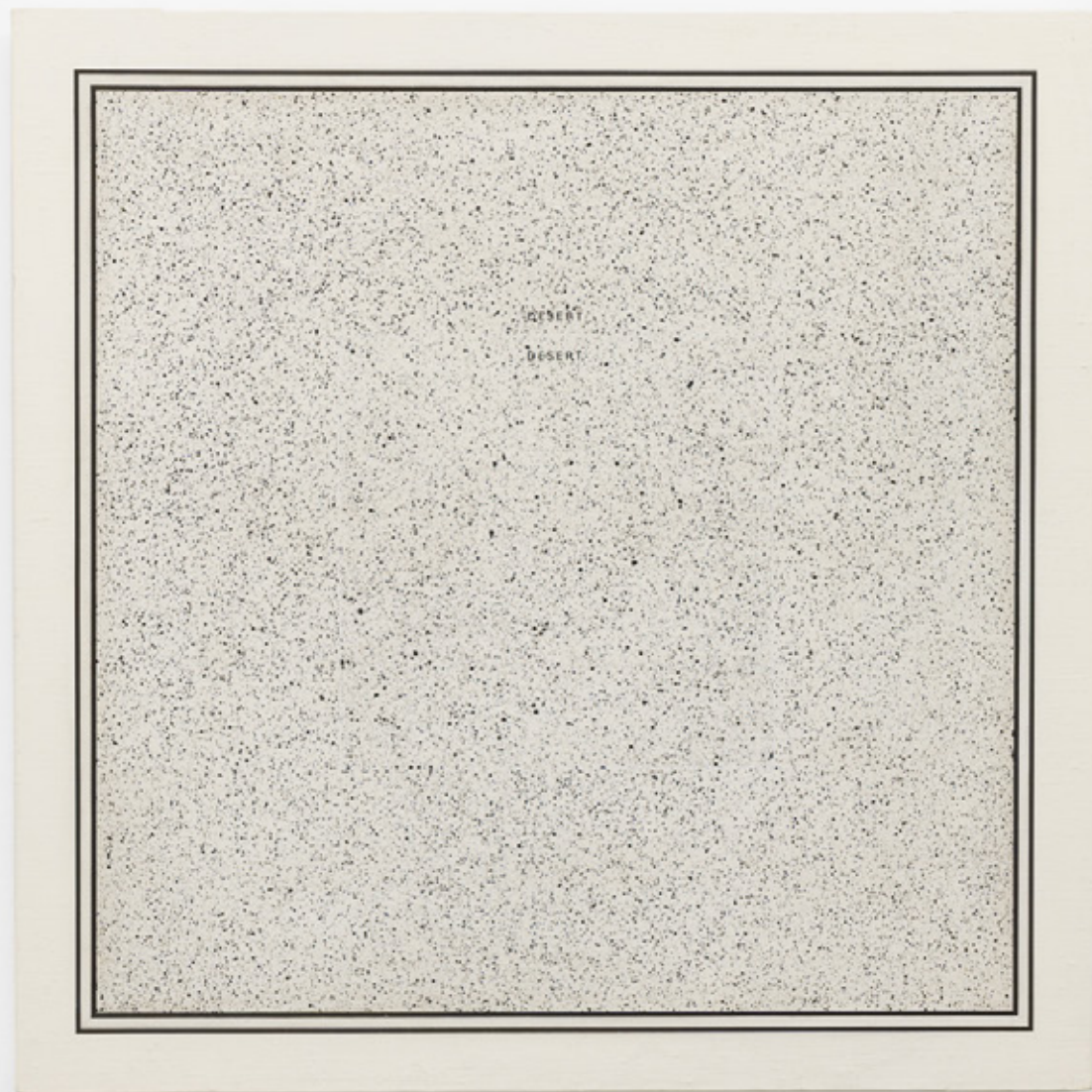


antonio dias

DESERT

DESERT





---

Antonio Dias  
*Desert Desert*, 1969  
tinta acrílica sobre tela  
50 x 50 cm

---

## antonio dias

n. 1944, Campina Grande, Brasil

m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e *assemblages* típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se auto-exilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzeiros, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

## exposições coletivas selecionadas

- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 33ª Bienal de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

## coleções selecionadas

- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

artur lescher





---

Artur Lescher  
*Lilla Lev*, 2022  
alumínio com pintura automotiva azul,  
latão e cabo de aço  
210 x Ø 10 cm



---

## artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

---

## exposições individuais selecionadas

- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

## exposições coletivas selecionadas

- *Tension and Dynamism*, Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
- *Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry*, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
- *Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection*, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
- *El círculo caminaba tranquilo*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
- *The Circle Walked Casually*, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

## coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil



berna reale







---

Berna Reale  
WO, 2022  
pigmento mineral sobre papel  
fotográfico Premium Luster  
edição de 5 + 2 PA  
100 x 150 cm

---

## berna reale

n. 1965, Belém do Pará, Brasil, onde vive e trabalha

Berna Reale é uma das artistas mais importantes no cenário brasileiro atual, sendo reconhecida como uma das principais expoentes da prática de performance no país. Reale iniciou sua carreira artística no começo da década de 1990. Seu primeiro trabalho de grande impacto, *Cerne* (25º Salão Arte Pará, 2006), intervenção fotográfica realizada no Mercado de Carne do Complexo do Ver-o-Peso, conduziu a artista ao Centro de Perícias Renato Chaves, onde passou a trabalhar como perita a partir de 2010.

Desde então, Reale tem explorado seu próprio corpo como elemento central da produção de suas performances, fotografias e vídeos. Seus trabalhos, marcados pela abordagem crítica dos aspectos materiais e simbólicos da violência e dos processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade, investigam a importância das imagens na manutenção de imaginários e ações brutais. A potência de sua produção reside na contraposição entre o desejo de aproximação e o sentimento de repulsa, ressaltando a ironia que resulta da combinação entre o fascínio e a aversão da sociedade pela violência.

A fotografia, nesse contexto, desempenha um papel fundamental. Ela não é apenas o meio de registro de suas ações, capaz de perpetuá-las, mas um desdobramento de seu processo de criação.

---

## exposições individuais selecionadas

- *While You Laugh*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Festa*, Viaduto das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2019)
- *Deformation*, Bergkirche, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale – Über uns / About Us*, Kunsthau, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale: Singing in the Rain*, Utah Museum of Contemporary Art (UMoCA), Salt Lake City, EUA (2016)
- *Vazio de nós*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

## exposições coletivas selecionadas

- 3ª Beijing Photo Biennial, China (2018)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- *Brasile. Il coltello nella carne*, Padiglione d'Arte Contemporanea Milano (PAC-Milano), Milão, Itália (2018)
- *Video Art in Latin America, Il Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA)*, LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- *Artistas comprometidos? Talvez*, Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Lisboa, Portugal (2014)

## coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Kunsthau Wiesbaden, Wiesbaden, Alemanha
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil



bruno dunley







Bruno Dunley  
*Diagrama Noturno/Lunar*,  
2021/2022  
tinta óleo sobre tela  
170,3 x 140 x 3,8 cm



---

## bruno dunley

n. Petrópolis, Brasil, 1984

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

---

## exposições individuais selecionadas

- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- e, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2013)
- 11bis Project Space, Paris, França (2011)

## exposições coletivas selecionadas

- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD, Park – platform for visual arts*, Tilburg, Países Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900-2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

## coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

**carlito carvalhosa**







---

Carlito Carvalhosa  
*Sem título (P02)*, 2016  
óleo sobre alumínio  
180 x 127 cm

---

## **carlito carvalhosa**

n. 1961, São Paulo, Brasil

m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 10a Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
- *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
- 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
- 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

## **coleções selecionadas**

- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil



**cristina canale**







---

Cristina Canale  
*Flor*, 2018  
tinta óleo sobre tela  
22,9 x 48 cm



---

## **cristina canale**

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Cabeças/Falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e Memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brazil (2010)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *Ateliê de Gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de Casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brazil (2017)
- *Land der Zukunft, Lichthof – Auswärtiges Amt*, Berlim, Alemanha (2013)

## **coleções selecionadas**

- Coleção Gilberto Chateaubriand – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Coleção João Sattamini – Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

daniel buren







---

Daniel Buren  
*New grids: baixo-relevo*  
– DBNR n° 22, 2021  
acrílico, adesivo de vinil  
vermelho, mdf e tinta  
acrílica branca  
unique  
147,9 x 147,9 cm

---

## daniel buren

n. 1938, Boulogne-billancourt, França, onde vive e trabalha

Daniel Buren é figura central na arte conceitual desde a década de 1960, quando atuou como membro fundador da associação Buren, Mosset, Parmentier, Toroni (BMPT). Amplamente conhecido pelo uso de grandes listras simétricas de cores contrastantes dispostas sobre superfícies ou espaços arquitetônicos. Naquela época, Buren começou a produzir intervenções em lugares públicos sem autorização prévia. Ele começou a distribuir centenas de pôsteres listrados por Paris e, mais tarde, em mais de 100 estações de metrô, o que rapidamente chamou a atenção do público. Não demorou muito para voltar seu interesse para a influência da arquitetura (em especial a de museus) na arte. O artista passou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber proposições a partir da modulação do espaço que habitam.

Buren desafia as noções convencionais dos lugares onde a arte pode ser vista e como ela pode ser compreendida. Sua prática instaura um ambiente não só discursivo, mas físico, dentro e ao redor do qual o público pode se movimentar. Por isso, ele se tornou responsável por introduzir a noção de "in situ" nas artes visuais, conceito que caracteriza a prática que conecta o trabalho às especificidades físicas e culturais dos locais onde ele é apresentado. A partir da década de 1990, o artista passa a, literalmente, instalar cores no espaço, utilizando filtros e lâminas de vidro ou acrílico. Desse modo, o trabalho parece invadir nosso espaço – sensação que Buren intensifica pelo uso de espelhos –, convidando o espectador a envolver-se com ele com todo seu corpo.

Recentemente, suas investigações evoluíram para o uso da luz como meio de produzir efeitos de cor em macroescala e de espelhos para alterar o espaço pela refração da imagem. Seu trabalho foi amplamente exibido internacionalmente, realizando apresentações icônicas, em mais de uma dúzia de edições da Bienal de Veneza, pela qual recebeu o Leão de Ouro por "Melhor Pavilhão", em 1986.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Daniel Buren. De cualquier manera, trabajos 'in situ'*, Museo de Arte Italiano, Lima, Peru (2019)
- *Daniel Buren. Une Fresque / Een Fresco / a Fresco*, BOZAR/Palais des Beaux-Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *Daniel Buren. Comme un jeu d'enfant, travaux in situ*, Musée d'Art moderne et contemporain, Strasbourg, França (2015)
- *Allegro Vivace*, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden, Baden-Baden, Alemanha (2011)
- *The Eye of the Storm*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2005)
- *Le Musée qui n'existait pas*, Le Centre Pompidou, Paris, França (2002)

## exposições coletivas selecionadas

- *En Plein Air*, High Line Art, Nova York, EUA (2019)
- *La Collection (1), Highlights for a Future*, Stedelijk Museum voor Actuele Kunst (SMAK), Gent, Bélgica (2019)
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918-2018*, Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Pedra no céu – Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), São Paulo, Brasil (2017)
- Documenta 7, Kassel, Alemanha (1982)
- Documenta 6, Kassel, Alemanha (1977)
- Documenta 5, Kassel, Alemanha (1972)

## coleções selecionadas

- The Art Institute of Chicago (AIC), Chicago, EUA
- Donnaregina Contemporary Art Museum - Madre Museum, Nápoles, Itália
- Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, EUA
- Musée national d'Art moderne (MNAM), Centre Pompidou, Paris, França
- Museum Moderner Kunst Stiftung Ludwig Wien, Viena, Áustria
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- The National Gallery of Modern Art, Roma, Itália
- National Museum of Modern Art, Tokyo, Japão
- Neues Museum Nuremberg, Nuremberg, Alemanha
- Tate Modern, Londres, Reino Unido



**daniel senise**





Daniel Senise  
*Sem título (Dia Art Foundation)*, 2021  
técnica mista sobre alumínio  
150 x 276 cm





---

## **daniel senise**

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como "construção de imagens". O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Daniel Senise: Todos os santos*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *Anozero'19*, 3ª Bienal de Coimbra, Portugal (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Os muitos e o um: Arte contemporânea brasileira*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2016)
- *Las Américas Latinas — Las fatigas del querer*, Spazio Oberdan, Milão, Itália (2009)
- 44ª Bienal de Veneza, Itália (1990)

## **coleções selecionadas**

- Centro de Arte Contemporâneo de Quito, Quito, Equador
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Coleção João Sattamini – Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

fabio miguez







---

Fabio Miguez  
*Sem título, série Volpi*, 2021  
tinta óleo e cera sobre linho  
30 x 30 cm



---

Fabio Miguez  
Sem título, série Volpi, 2021  
tinta óleo e cera sobre linho  
30 x 30 cm



---

## **fabio miguez**

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Fabio Miguez iniciou sua carreira na década de 1980, quando, ao lado de Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, formou o ateliê Casa 7. Miguez dedicou-se inicialmente à pintura, assim como os outros membros do grupo. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem Zero*, em 2013.

Nos anos 2000, Miguez passou a desenvolver também trabalhos de formulação tridimensional, como a instalação *Onde*, de 2006, uma série de valises produzidas desde 2007 e o objeto *Ping-pong*, de 2008, que expandem seu campo de pesquisa inicial — a pintura. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se alia a investigações sobre escala, matéria e figuração. O artista lida frequentemente com formas modulares a partir da lógica combinatória, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento.

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fabio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2016), e São Paulo, Brasil, (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2008)
- *Fabio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

## **exposições coletivas selecionadas**

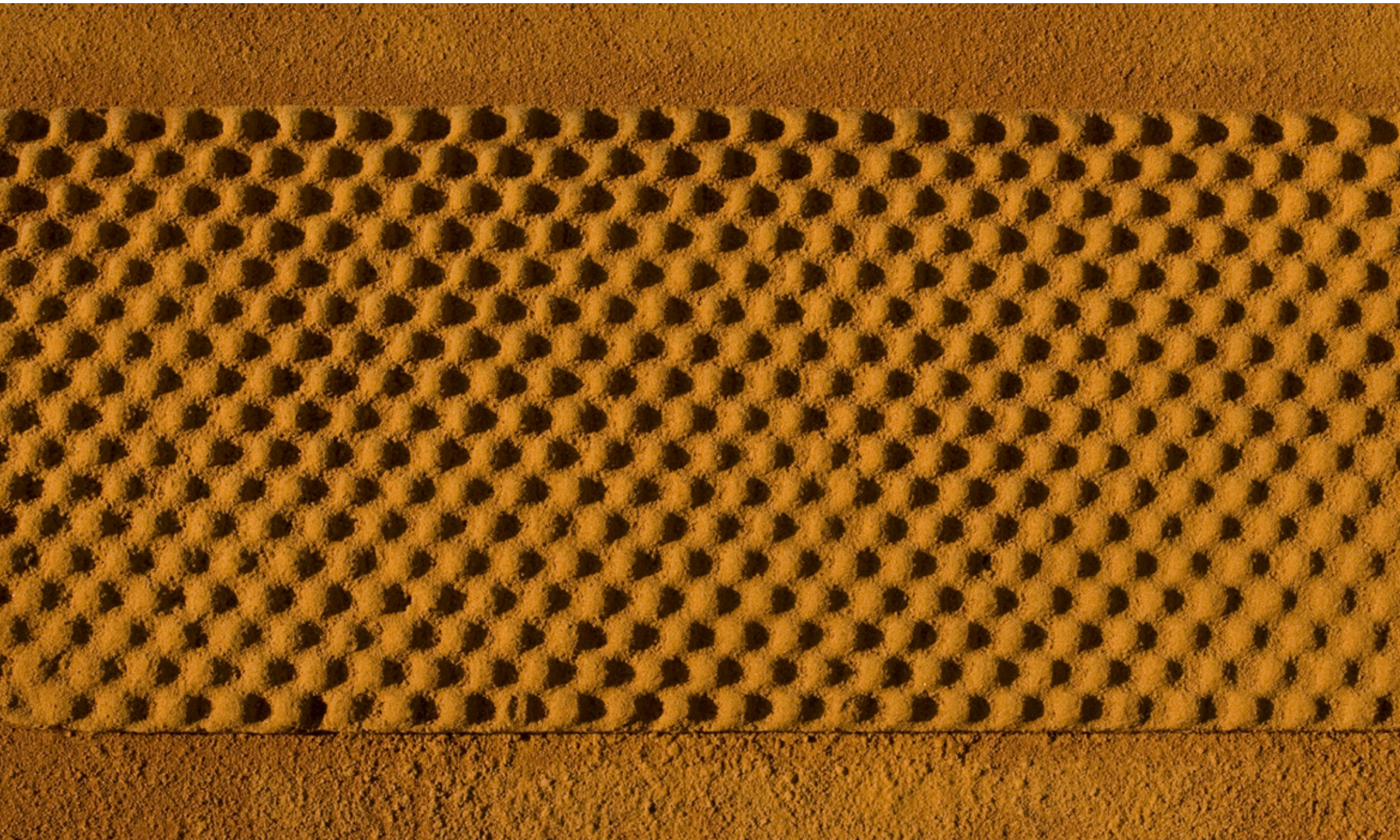
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, no Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), em São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7, Pivô*, Edifício Copan, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de La Habana, Cuba (1986)
- 20ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1989)
- 18ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1985)

## **coleções selecionadas**

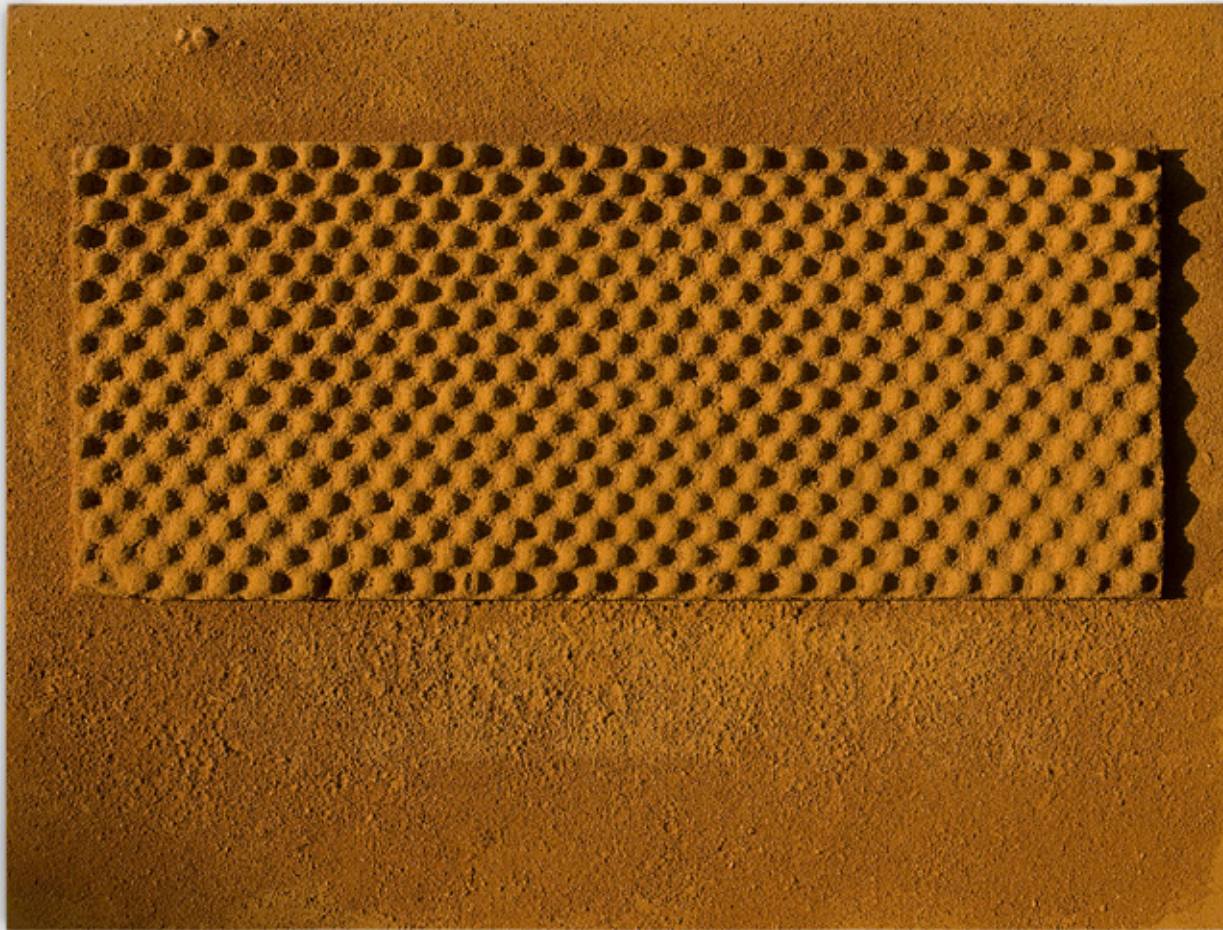
- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil



heinz mack







---

Heinz Mack  
*Sand-relief*, 1966  
areia, madeira e acrílico  
68 x 91 x 3 cm

---

## heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha

vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha, e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel.

Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista tem desenvolvido de forma rigorosa e arguta um conjunto de obra multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte. Desde o início de sua carreira, Heinz Mack tem participado de grandes exposições internacionais, incluindo duas edições da Documenta de Kassel (1959 e 1964), chegando a representar a República Federal da Alemanha na 35ª Bienal de Veneza (1970). Mack também foi agraciado com vários prêmios, incluindo o Prêmio Marzotto (1963), o 1o Prix Arts Plastiques na 4ª Bienal de Paris (1965), e a Grã-Cruz ao Mérito com Estrela da República Federal da Alemanha (2011).

---

## exposições individuais selecionadas

- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture, 1994–2016*, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutscherherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

## exposições coletivas selecionadas

- *AThe Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Centre Pompidou, Metz, França (2021)
- *Visual Play*, Wilhelm Hack Museum, Ludwigshafen, Alemanha (2018)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, The Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–68*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950’s–60’s*, The Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
- 35ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (1970)

## coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate, Londres, Reino Unido



# jonathas de andrade







---

←  
vista da exposição  
*Next Level: Jonathas de Andrade*  
*Staging Resistance, 2022*  
Foam, Amsterdam

---

Jonathas de Andrade  
*A batalha do todo dia de Dona*  
*Severina, de Tejucupapo, 2022*  
64 imagens impressas  
em falconboard cru, várias dimensões e  
texto em adesivo vinílico na parede  
edição de 3 + PA  
dimensões variáveis



---

Jonathas de Andrade  
*Achados e perdidos*, 2020  
7 esculturas de barro queimado e sungas  
80 x 108 x 91 cm  
Foto: Galeria Vermelho



---

## jonathas de andrade

n. 1982, Maceió, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade (b. 1982). Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...). Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022)
- *Jonathas de Andrade: One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019)
- *Visões do Nordeste*, Museo Jumex (2017), Cidade do México, México
- *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
- *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

## exposições coletivas selecionadas

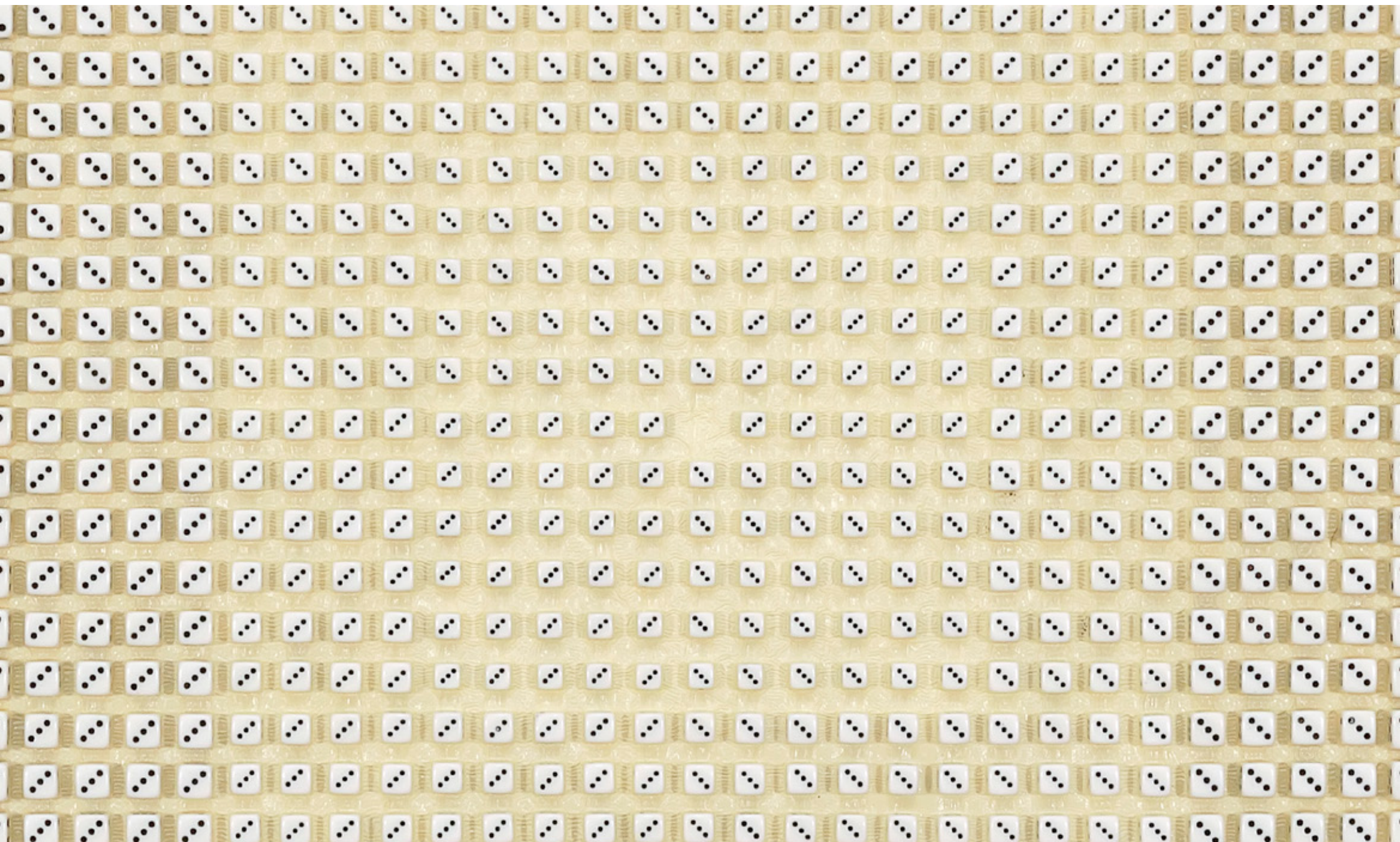
- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- *The Ungovernables*, New Museum Triennial, Nova York, EUA (2012)
- 12ª Bienal de Lyon, França (2013)
- 32ª Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2011)
- *Casa carioca*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *Under the Same Sun: Art from Latin America Today*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2014)
- *À Nordeste*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2019)
- *Os primeiros dez anos*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

## coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido



josé patrício







---

José Patrício  
*Dados em progressão  
dimensional crescente*, 2019  
dados de resina e esmalte sobre madeira  
edição de 3 + exemplar de exibição  
184,5 x 184,5 cm



---

## josé patrício

n. 1960, Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um “patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros.”

---

## exposições individuais selecionadas

- *José Patrício: Algorithm in 'Object Recognition'*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H'Queens, Hong Kong (2018)
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
- *Explosão Fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

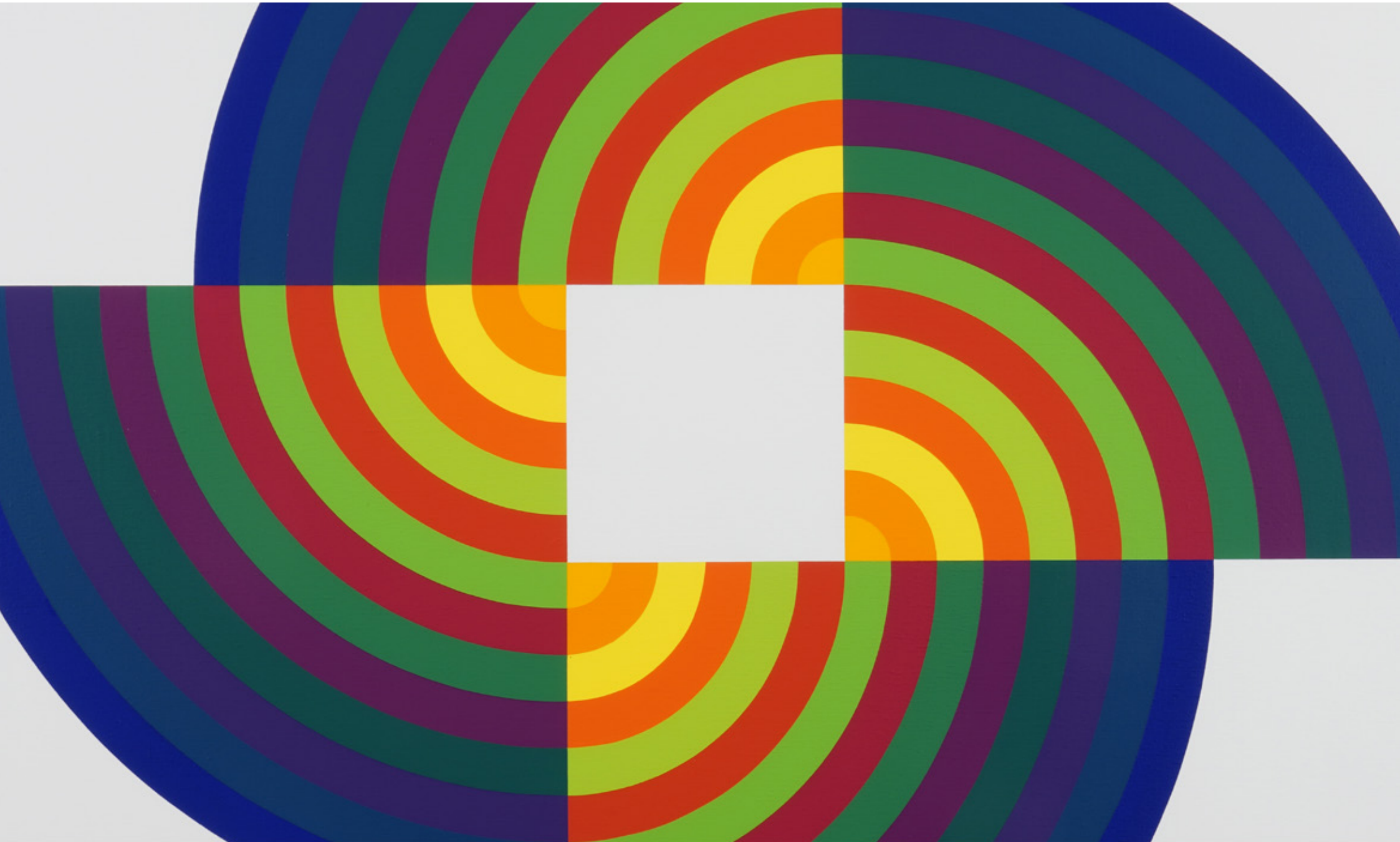
## exposições coletivas selecionadas

- *Ateliê de Gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França (2018)
- *Asas e Raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- 8a Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 22a Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

## coleções selecionadas

- Fondation Cartier pour L'art contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

**julio le parc**





---

Julio Le Parc  
*Fractionné en quatre*  
2 Série 14-14, 2020  
tinta acrílica sobre tela  
130 x 130 cm



---

## julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina

vive e trabalha em Cachan, France

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi co-fundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–68), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, The Metropolitan Museum of Art (The Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

## exposições coletivas selecionadas

- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthall Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954-1969, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA)*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

## coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- The Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA



lucia koch





---

Lucia Koch  
*Biscoitos (magenta/yellow)*, 2022  
impressão de pigmento em papel de  
algodão, laminado UV fosco  
112 x 240 cm



---

## Lucia Koch

n. 1966, Porto Alegre, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre, atualmente vive e trabalha em São Paulo. Instalações, fotografias e vídeos são alguns dos diversos meios escolhidos pela artista para investigar questões relativas ao espaço, propondo novas relações de escala, ocupação e materialidade. Koch instaura um profundo diálogo com a arquitetura tanto pelo modo como seu trabalho se insere em um local, respeitando suas especificidades físicas e/ou históricas, quanto ao criar espaços imaginários a partir de objetos banais, provocando e reorientando a percepção.

Segundo o crítico e curador Moacir dos Anjos, a artista “reorganiza a compreensão visual de espaços [...] e estabelece um sentido público para o trabalho, seja pela negociação envolvida em seu processo, seja pelo desconcertante efeito que causa”. Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde se instalam. Esse conjunto crescente de imagens indaga o que transforma o espaço em lugar e cada vez mais se aproxima de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura. Por outro lado, a partir de filtros de luz, tecidos e outros materiais, ela joga com a iluminação e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019)
- *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)
- *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones*, Flora ars + natura, Bogotá, Colômbia (2014)
- *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil (2012)
- *Correções de luz*, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2007)

## exposições coletivas selecionadas

- 1<sup>st</sup> Bienal de Rabat, Rabat, Marrocos (2019)
- *Fiction and Fabrication. Photography of Architecture after the Digital Turn*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa, Portugal (2019)
- *Brasil, beleza?!*, Museum Beelden Aan Zee, Haia, Países Baixos (2016)
- 11<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> Bienal de Lyon, Lyon, França (2011 e 2015)
- *When Lives Become Form*, Yerba Buena Center For Arts, São Francisco, EUA (2009); Contemporary Art Museum, Tóquio, Japão (2008)

## coleções selecionadas

- Musée d'Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
- The J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

**manoela medeiros**





Manoela Medeiros  
*Deslocamento de espaço*, 2016  
fragmentos de parede  
e gesso sobre tela  
157 x 273 x 4 cm



---

## manoela medeiros

n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros articula as linguagens da escultura, pintura, performance e instalação, através das quais explora as relações entre corpo, espaço e tempo. Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Concerto a céu aberto*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- *L'être dissout dans le monde*, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- *Poeira varrida*, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- *Falling Walls*, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

## exposições coletivas selecionadas

- *Recycler / Surcycler*, Fondation Villa Datris, L'Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- *Reservoir, 019*, Ghent, Bélgica (2020)
- *Vivemos na melhor cidade da América do Sul*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Hall-statt*, Galeria Fortes D'Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- *In Between*, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- *11º Abre Alas*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)



**marco a. castillo**





---

Marco A. Castillo  
*Lourdes # 02*, 2021  
madeira mogno e tecido  
150 x 150 x 50,4 cm





---

## marco a. castillo

n. 1971, Havana, Cuba

vive e trabalha em Havana, Cuba e Madri, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de “geração esquecida”, como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

---

## exposições individuais selecionadas

- *The Decorator's Home*, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- *El susurro del palmar*, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- *La cosa está candela*, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- *Los Carpinteros*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- *Los Carpinteros*, Parasol Unit Foundation for Contemporary Art, Londres, Reino Unido (2015)
- *Los Carpinteros*, Faena Art Center, Buenos Aires, Argentina (2012)
- *Ciudad Transportable*, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)
- *Los Carpinteros*, San Francisco Art Institute, San Francisco, EUA (2001)

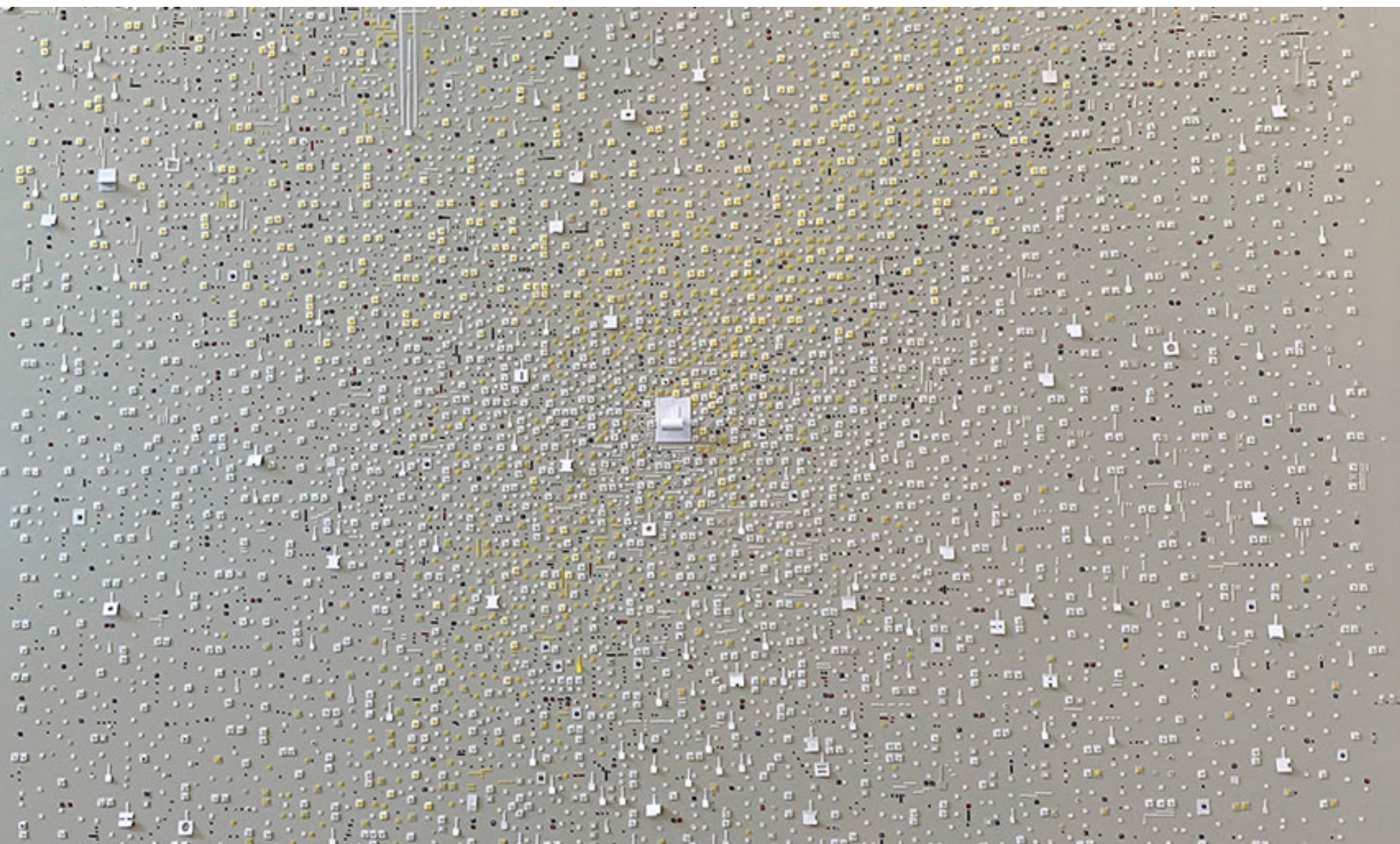
## exposições coletivas selecionadas

- *Everyday Poetics*, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)
- *Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950*, Walker Art Center, Minneapolis, EUA; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- *Alchemy: Transformations in Gold*, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- *Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America*, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- *The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- Havana Biennial, Havana, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- 13ª Sharjah Biennial, Beirute, Líbano (2017)
- 25ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2002)

## coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Centro de Arte Contemporáneo Reina Sofía, Madri, Espanha
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

marco maggi







---

Marco Maggi  
*Darkness in Progress*, 2022  
papel sobre papel sobre papel  
61 x 45,7 cm



---

Marco Maggi  
*Grey Optimism*, 2022  
papel sobre papel sobre papel  
61 x 45,7 cm

---

## marco maggi

n. 1957, Montevideo, Uruguai  
vive e trabalha em Nova York, EUA

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, ele estimula o espectador, de forma espirituosa e delicada, a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e se aprofundar em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive. Nas palavras do curador Adriano Pedrosa, o artista “finca trincheiras no embate com a velocidade”.

Na série *The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA*, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços da imagem oculta, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. Suas instalações também fazem uso do papel, mas as numerosas pilhas, à distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

---

## exposições individuais selecionadas

- *O papel é inocente*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2018)
- *Putin's Pencils*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Piano Piano*, Espacio Monitor, Caracas, Venezuela (2016)
- *Drawing Attention*, Kemper Museum of Contemporary Art, Kansas, EUA (2015)

## exposições coletivas selecionadas

- *Art\_Latin\_America: Against the Survey*, Davis Museum at Wellesley College, Wellesley, EUA (2019)
- *Latinoamérica: volver al futuro*, Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina (2018)
- *Tension and Dynamism*, Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
- *Paper into Sculpture*, Nasher Sculpture Center, Dallas, EUA (2017)
- 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

## coleções selecionadas

- Cisneros-Fontanals Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Drawing Center, Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA



**marcos chaves**



---

Marcos Chaves  
*Sem título, da série Hommage aux mariages, 1989/2020*  
madeira e plástico  
edição de 3  
dimensões variáveis





---

## marcos chaves

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de objetos, esculturas, instalações, fotografias, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Marcos Chaves: As imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves*, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal (2016)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)

## exposições coletivas selecionadas

- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Brasil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture*, Museum Beelden aan Zee, Haia, Países Baixos (2016)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Venice Biennale, Itália (2011)

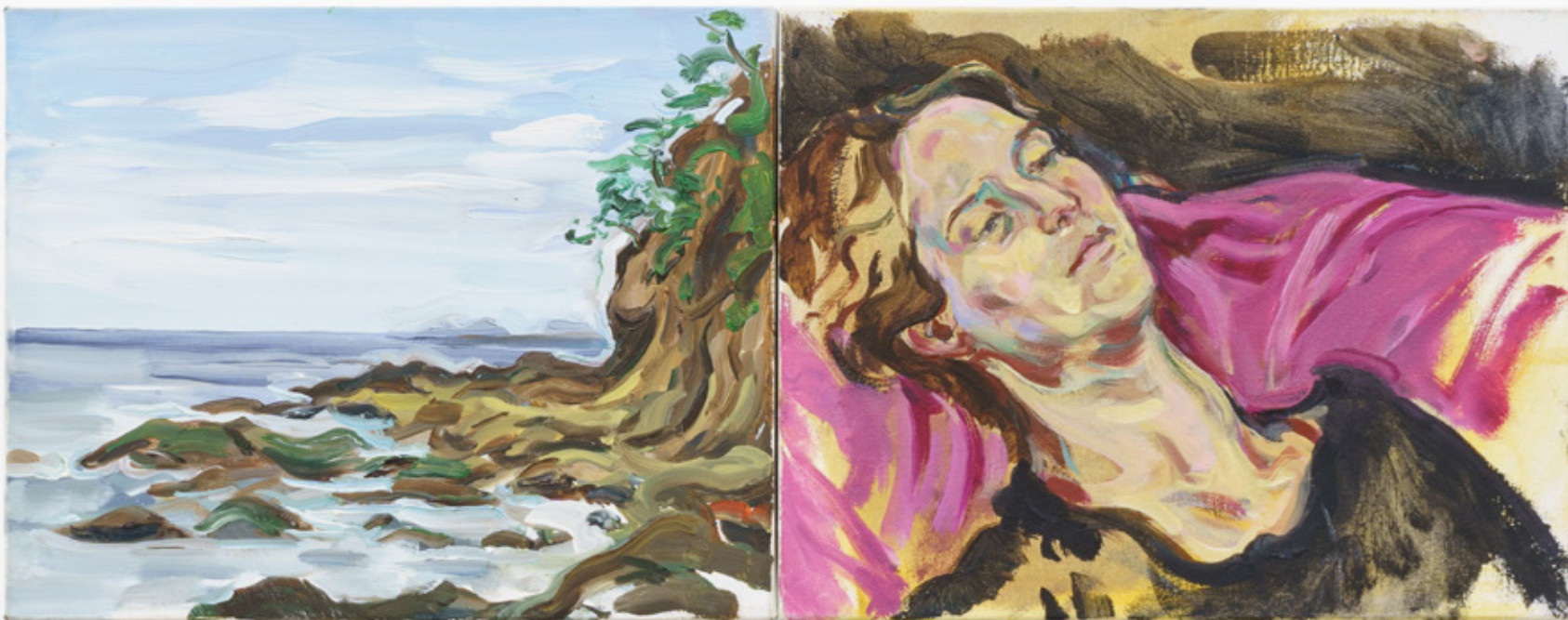
## coleções selecionadas

- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- The Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA

maria klabin







---

Maria Klabin  
*Isidora e Cliff, Costa Rica, 2021*  
tinta óleo sobre linho  
2 partes de 20 x 25 cm

---

## maria klabin

n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho “como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores.”

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Entre rio e pedra*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *E o dia havia acabado, quando começou*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)

## exposições coletivas selecionadas

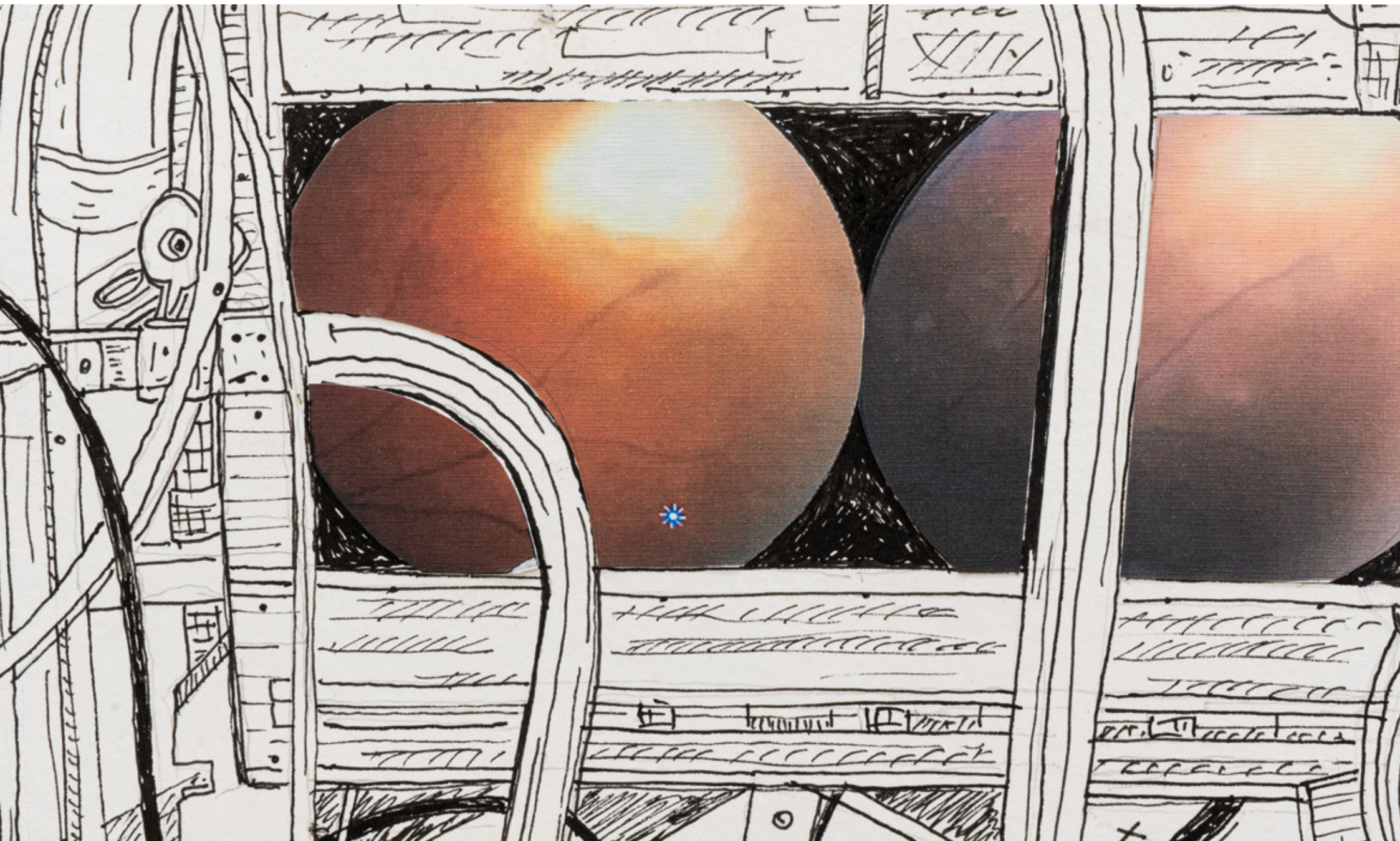
- *In Waiting: Works Produced in Isolation*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *Já estava assim quando eu cheguei*, Ron Mandos, Amsterdam, Holanda (2020)
- *Festival de Arte Contemporânea*, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012)
- *Novas aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006)
- *Além da imagem*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)

## coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil



milton machado







---

Milton Machado  
*Num piscar de olhos*, 2017  
nanquim e colagem sobre papel  
70 x 100 cm



---

## **milton machado**

n. 1947, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Em seus primeiros trabalhos, majoritariamente desenhos realizados durante o período da ditadura, Milton Machado usava sua formação em arquitetura para criar projetos e relatos aparentemente lógicos que, na realidade, eram fictícios e inviáveis. Ao longo das décadas seguintes, o artista aumentou progressivamente a escala de sua produção e ampliou a diversidade dos gêneros utilizados, passando a incluir objetos, esculturas, vídeo, fotografia e grandes instalações. Ainda assim, continua explorando a tensão produzida pelo questionamento dos modelos de conhecimento científico que resultam de suas indagações artísticas.

Com suas intervenções, Milton Machado cria ou evidencia relações que são surpreendentes e reveladoras, preenchendo lacunas entre campos teoricamente separados: indústria e arte, arquitetura e imagem, família e política etc. Evitando conexões explícitas, ele usa a crítica e o humor misturados a um tom de profunda ironia e desilusão, de modo a criar narrativas visuais inventadas. Destaca-se, na sua obra, a série *História do futuro*, em andamento há 40 anos: uma fábula urbana que mescla teoria crítica, arquitetura e planejamento urbano, para discutir os movimentos dinâmicos e imprevisíveis da vida e morte de uma cidade ficcional.

---

### **exposições individuais selecionadas**

- *Cabeça*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte; Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Mão Pesada*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2013)
- *X*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2016)

### **exposições coletivas selecionadas**

- *In Memoriam*, Caixa Cultural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Em polvorosa*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Made in Brasil*, Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Imagine Brazil*, DHC/ART Foundation for Contemporary Art, Montreal, Canadá (2015)
- *Where the streets have no name*, CSS Bard and Hessel Museum of Art, Nova York, EUA (2014)

### **coleções selecionadas**

- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Essex Collection of Art from Latin America (ESCALA), University of Essex, Colchester, Reino Unido
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museo de Arte de Lima, Lima, Peru
- Museo Civico Gibellina, Gibellina, Itália

not vital







---

Not Vital  
*Self-portrait*, 2022  
tinta óleo sobre tela  
110 x 80 cm

---

## not vital

n. 1948, Sent, Suíça , onde vive e trabalha

Not Vital é reconhecido por sua prática baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas, frequentemente de surpresa ou estranhamento, ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas, muitas vezes alterando sua escala e materialidade. Desde o começo dos anos 1980, o artista articula escultura – recorrendo, muitas vezes, a processos colaborativos com artesãos – à construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura e estabelecendo uma íntima relação com o contexto cultural local. De fato, em seu trabalho, os objetos alteram nossa percepção tanto do ambiente em que se situam, seja pela reflexividade do material ou pelo seu posicionamento, quanto das estruturas arquitetônicas do espaço, que fogem da linguagem usual, tornando-se verdadeiras esculturas habitáveis.

Vital desenvolve também obras em pintura e desenho que dialogam com os assuntos presentes em suas propostas escultóricas e arquitetônicas. Os materiais empregados são os mais diversos, indo dos mais simples e perecíveis – café, sal, ovo – até os mais valiosos e duradouros – mármore, prata e ouro. Desde o final dos anos 1990, ele instala construções de caráter permanente em diversos lugares como Agadèz (Níger), Patagônia chilena (Chile) e Paraná do Mamori (Brasil). Além de seus chamados *habitats*, dentre os quais se destaca *House to Watch the Sunset*, essas construções incluem escolas, pontes ou túneis.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Not Vital: Scarch*, Hauser & Wirth, Somerset, Reino Unido (2020)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Galerie Andrea Caratsch, St. Mortiz, Suíça (2019); Ateneum, Helsinque, Finlândia (2018)
- *Not Vital. Saudade*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Yorkshire Sculpture Park*, Wakefield, Reino Unido (2016)

## exposições coletivas selecionadas

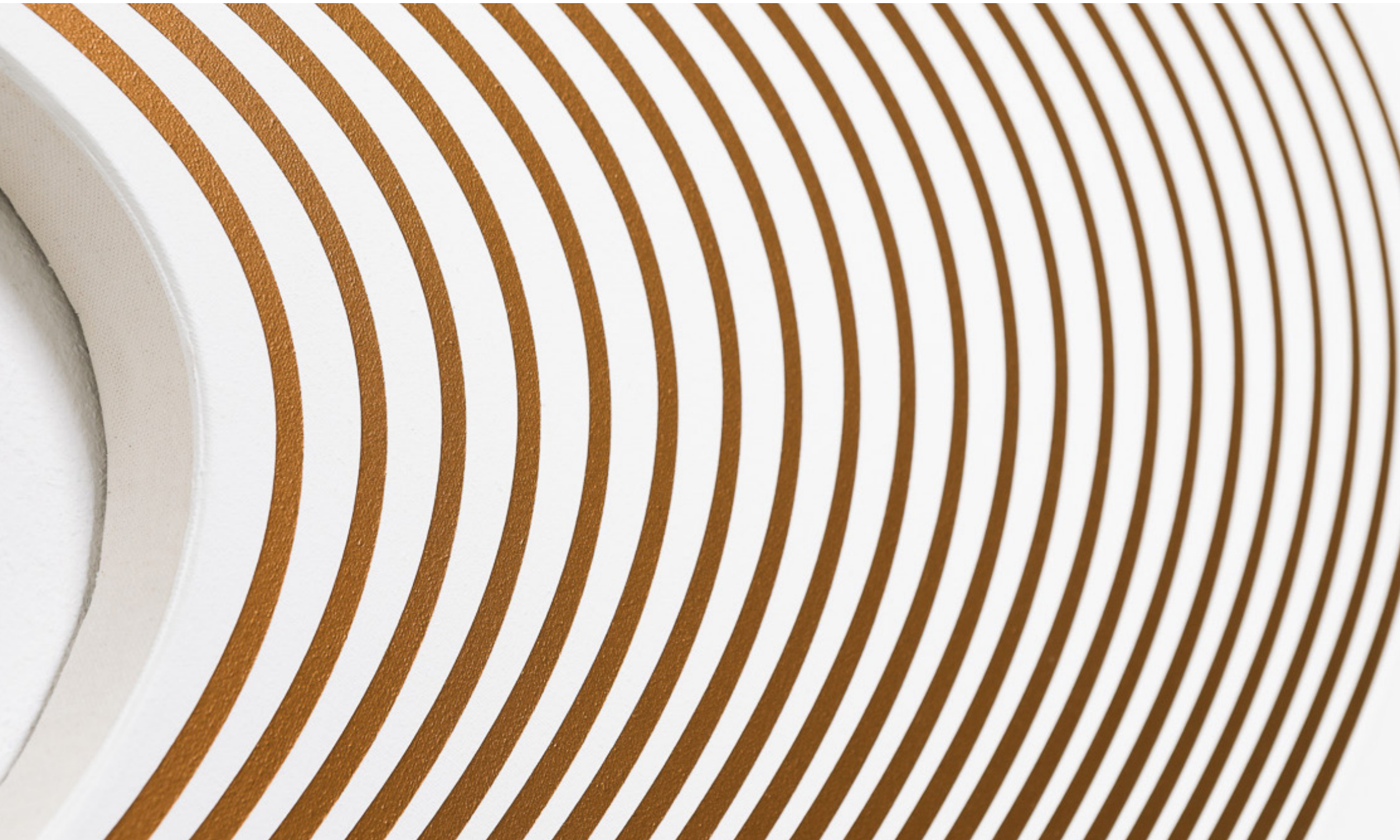
- *Passion: Bilder von der Jagd*, Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Suíça (2019)
- *Surrealism Switzerland*, Aargauer Kunsthau, Aarau, Suíça (2018)
- *Illumination*, Louisiana Museum of Modern Art, Humlebæk, Dinamarca (2016)
- *Simple Forms: Contemplating Beauty*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão

## coleções selecionadas

- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Kunstmuseum Bern, Berna, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japão



**philippe decrauzat**





---

Philippe Decrauzat  
*Delay Gold*, 2017  
tinta acrílica sobre tela  
164 x 164 cm





---

## philippe decrauzat

n. 1974, Lausanne, Suíça

vive e trabalha entre Lausanne, Suíça, e Paris, França

Philippe Decrauzat é um dos principais nomes da nova geração de artistas ópticos e cinéticos. Sua produção multifacetada perfaz uma reflexão crítica sobre o legado desses movimentos na história da arte recente e abrange murais, esculturas, instalações, *site-specifics* e trabalhos em vídeo. O artista recupera noções relacionadas às vanguardas do início do século XX, indo do construtivismo russo ao movimento cinético e ao minimalismo. Linhas, planos, sólidos e sons são articulados de modo a propor situações que estabeleçam diálogo direto com o observador, estimulando o olhar do público.

Decrauzat realiza uma revisão da tradição moderna ao mobilizar métodos e teorias que se fazem presentes em campos distintos no âmbito da cultura pop, tais como arquitetura, design gráfico, cinema experimental e ficção científica. Contudo, ele não trabalha apenas com a apropriação. Sua operação se dá muito mais por meio de discretas referências e citações. Decrauzat elege seus temas e formas em função daquilo que apresentam, em termos de qualidades visuais e espaciais. A ênfase de sua prática reside na construção da percepção e da visão. Ao trabalhar o olho como instrumento, ele retoma a compreensão sobre a mecânica do olhar, que, atualmente, encontra-se excluída da maioria dos discursos artísticos em circulação.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Replica*, Blueproject Foundation, Barcelona, Espanha (2019)
- *Double Exposure*, Praz-Delavallade, Los Angeles, EUA (2019)
- *Tenir pendant que le balancement se meurt*, Parra & Romero, Madri, Espanha (2017)
- *Bright Phase*, Dark Phase, Galerie Mehdi Chouakri, Berlim, Alemanha (2016)

## exposições coletivas selecionadas

- *Concrete Contemporary – Now is Always also a Little of Yesterday and Tomorrow*, Museum Haus Konstruktiv, Zurique, Suíça (2019)
- *The Philosophical Eye*, Arte Invernizzi Gallery, Milão, Itália (2018)
- *Action <-> Reaction. 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthall Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *Flatland / Abstractions narratives #2*, Musée d'Art Moderne Grand-Duc Jean (MUDAM), Luxemburgo (2017)

## coleções selecionadas

- Fondation Louis Vuitton (FLV), Paris, França
- Kunsthaus Zürich, Zurique, Suíça
- Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

**raul mourão**





Raul Mourão  
Gelo Seco # 05, 2021  
aço corten  
unique  
190 x 100 x 100 cm







---

## raul mourão

n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Raul Mourão nasceu no Rio de Janeiro em 1967, vive e trabalha entre sua cidade natal e Nova York. Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou em 1989 os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, a pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

---

### exposições individuais selecionadas

- *Viva Rebel*, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012) *Toque devagar*, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

### exposições coletivas selecionadas

- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, EUA (2016)
- *Bienal de Vancouver 2014-2016*, Canadá (2014)

### coleções selecionadas

- ASU Art Museum, Tempe, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

**rodolpho parigi**







---

Rodolpho Parigi  
*Volumen 9*, 2021  
tinta óleo sobre linho  
120 x 100 cm

---

## rodolpho parigi

n. 1977, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Rodolpho Parigi integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música. Essa última, junto com a dança, é responsável por orquestrar a dinâmica dos gestos que criam suas figuras, ainda que o resultado se verifique muito mais no dinamismo das formas e da estrutura do que nas marcas do pincel sobre a superfície.

“Há algo de alquímico aqui”, resume Rodolpho Parigi sobre seu processo. De fato, ele opera uma transfiguração singular calcada no excesso em que fragmentos de imagens e formas das mais diversas origens configuram-se na tela pelo uso de cores saturadas e luminosas que enfocam um futurismo retrô. O controle na execução e a organização apurada da composição provém de estratégias ornamentais que negam qualquer perspectiva tradicional e não deixam o olho descansar, levando-o a percorrer incessantemente o quadro. Nas pinturas de Parigi o high tech, presente na temática, encontra o virtuosismo da centenária técnica da pintura a óleo; assim como o orgânico, que não diferencia homem e animal, funde-se com a artificialidade da máquina, criando um provocativo efeito de estranhamento.

---

### seleção de exposições individuais

- *Fancy Performance*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2017)
- *Levitação*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Casa Modernista*, São Paulo, Brasil (2013)
- *AtraQue*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2011)

### seleção de exposições coletivas

- *Da humanidade: 100 artistas do acervo*, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Unanimous Night*, Contemporary Art Centre (CAC), Vilnius, Lituânia (2017)
- *LOL Levels of Life 1- 2*, Artspace, Auckland, Nova Zelândia (2014)
- *Works on Paper*, RabbitHole Space, Nova York, EUA (2011)

### seleção de coleções institucionais

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

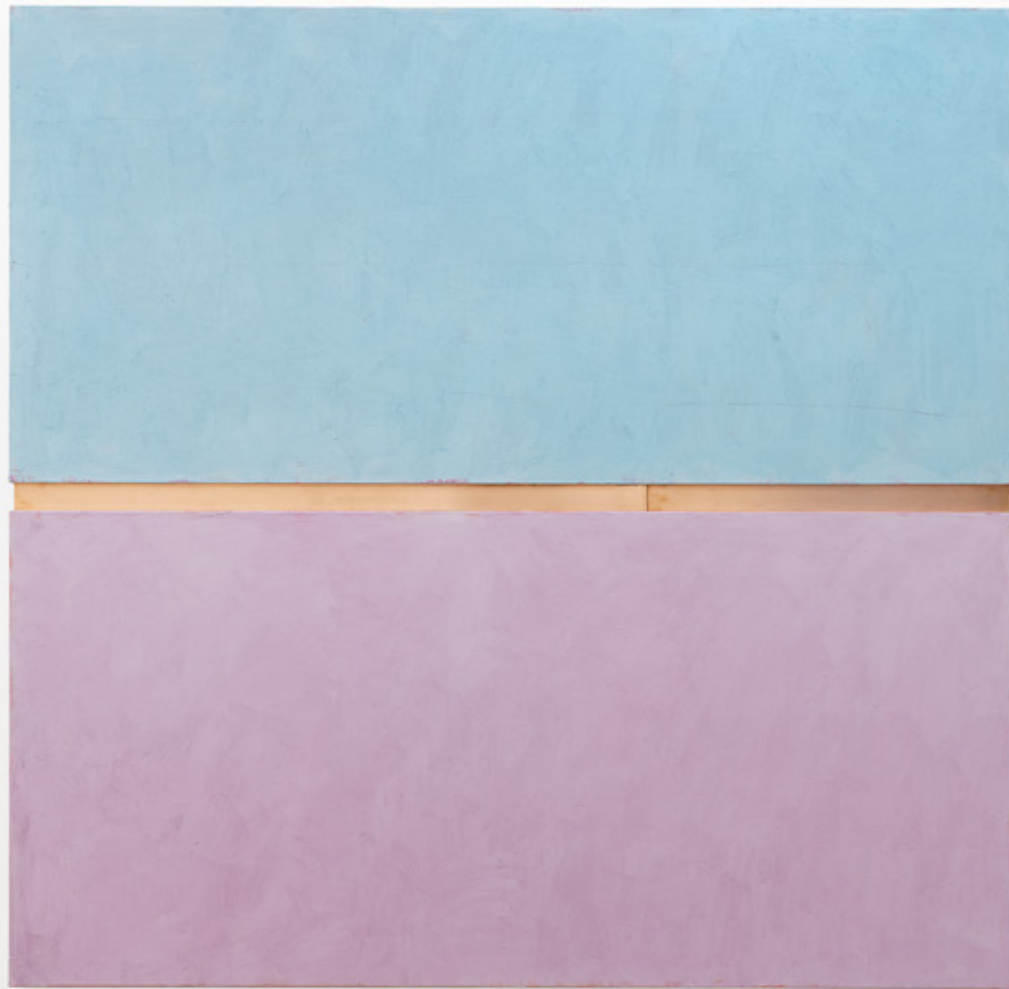


**sérgio sister**



---

Sérgio Sister  
*Pinturas com ligação cobre*, 2022  
tinta óleo sobre tela e placa de cobre  
186 x 190 cm





---

## **sérgio sister**

n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964 – 1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

---

## **exposições individuais selecionadas**

- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: o sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nympe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem Desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

## **exposições coletivas selecionadas**

- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

## **coleções selecionadas**

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

**tomie ohtake**







---

Tomie Ohtake  
*Sem título*, sem data  
aço inoxidável  
edição de 3  
70 x 120 x 80 cm

---

## tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão

m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, mudando-se para o Brasil em 1936. Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao abandonar a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como pinturas cegas em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala assim como esculturas públicas em São Paulo e nas cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

---

## seleção de exposições individuais

- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013); Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil (2012); Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2011)
- *Retrospectiva*, Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2000)
- *Tomie Ohtake*, Americas Society, Nova York, EUA (1995)
- *Retrospectiva*, Hara Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão (1988)
- *Tomie Ohtake: Retrospectiva, 30 anos de trabalho*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (1983)

## seleção de exposições coletivas

- *Oito décadas de abstração informal – Coleções Museu de Arte Moderna de São Paulo e Instituto Casa Roberto Marinho*, Instituto Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong, China (2015)
- *30x Bienal*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Panorama dos Panoramas*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)
- *Banzai Brasil*, Banco Santander, São Paulo, Brasil (2008)
- *Mostra do Redescobrimento*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2000)

## seleção de coleções institucionais

- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Dallas Museum of Art, EUA
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Mori Art Museum, Tóquio, Japão
- Gilberto Chateaubriand Collection in the Museum of Modern Art, Rio de Janeiro, Brasil
- M+, Hong Kong, China
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil



vik muniz





---

Vik Muniz  
*Florinda*, 2022  
impressão jato de tinta  
em papel archival  
edição de 6 + 4 PA  
170,2 x 160 cm

---

Obra criada especialmente para  
a capa do livro *Preciosa Florinda*,  
que foi editado e será lançado por  
Charles Cosac em 2022.





---

## vik muniz

n. 1961, São Paulo, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Vik Muniz*, The Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

## exposições coletivas selecionadas

- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Beijing, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

## coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- The Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- The Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

xavier veilhan





Xavier Veilhan  
*Mobile n°2*, 2022  
carbono, compensado e poliamida  
194 x Ø 153 cm



---

## xavier veilhan

n .1963, Paris, França, onde vive e trabalha

Desde meados dos anos 1980, Xavier Veilhan cria um aclamado conjunto de trabalhos que transita entre escultura, pintura, instalação, performance, vídeo e fotografia. Sua prática se define pelo interesse tanto pelo vocabulário da modernidade (velocidade, movimento, vida urbana etc.) quanto pela estatuária clássica, à qual ele agregou sua própria reinterpretação contemporânea. Seu trabalho é uma homenagem às invenções e aos inventores de nosso tempo por meio de uma linguagem artística que mistura os códigos da indústria e da arte. Veilhan agencia uma variedade de técnicas e materiais para produzir retratos tridimensionais e paisagens, bestiários e arquiteturas que oscilam entre o familiar e o extraordinário.

Para o artista, arte é “uma ferramenta visual através da qual devemos olhar para entender nosso passado, presente e futuro”. Suas exposições e intervenções *in-situ* em cidades, jardins e casas questionam nossa percepção ao criar um envolvente espaço ambulatorio no qual a plateia se transforma em participante ativo. Sua estética revela um contínuo de forma, contorno, fixação e dinâmica que convida o espectador a uma nova leitura do espaço e, assim, da criação de um repertório completo de sinais, o teatro da sociedade.

---

## exposições individuais selecionadas

- *Romy and the Dogs*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2019)
- *Nuit Studio Venezia*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2018)
- *Xavier Veilhan*, Yuksek, Caterina Barbieri & Carlo Maria, Le Comte, Jonathan • *Fitoussi - Cine-concert*, Le Lieu Unique, Nantes, França (2018)
- *Reshaped Reality: 50 years of Hyperrealist Sculpture*, Museo de Bellas Artes de Bilbao, Bilbao, Espanha (2016)
- *Cedar*, Andrehn-Schiptjenko, Estocolmo, Suécia (2015)

## exposições coletivas selecionadas

- *Rêve Électro*, Musée de la Musique, Cité de la Musique, Paris, França (2019)
- *Calling for a New Renaissance*, Joakim & Xavier Veilhan, Villa Aperta 8, Villa Medici (2018), Roma, Itália
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918 – 2018*, Olivier Malingue, Londres, Reino Unido; Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 57 Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017)

## coleções selecionadas

- Fondation Ilju, Seoul, Coréia do Sul
- Israel Museum, Jerusalem, Israel
- Musée National d'Art Moderne, Centre Pompidou, Paris, França
- New National Museum of Qatar, Doha, Qatar



---

nara roesler

---

---

**são paulo**

avenida europa 655,  
jardim europa, 01449-001  
são paulo, sp, brasil  
t 55 (11) 2039 5454

---

**rio de janeiro**

rua redentor 241,  
ippanema, 22421-030  
rio de janeiro, rj, brasil  
t 55 (21) 3591 0052

---

**new york**

511 west 21<sup>st</sup> street  
new york, 10011 ny  
usa  
t 1 (212) 794 5034

---

[nararoesler.art](http://nararoesler.art)

[info@nararoesler.art](mailto:info@nararoesler.art)